

*Para a Paige
(que encontres a felicidade a cada dia)*

DIA 5994

Acordo.

De imediato, tenho de descobrir quem sou. Não é só o corpo — abrir os olhos e descobrir se a pele do braço é clara ou escura, se o cabelo é curto ou comprido, se sou gordo ou magro, rapaz ou rapariga, pele macia ou com cicatrizes. O corpo é a coisa mais fácil à qual adaptar, quando se está habituado a acordar num novo todas as manhãs. É a vida, o contexto do corpo, que pode ser difícil de assimilar.

A cada dia sou alguém diferente. Sou eu mesmo — sei que sou eu mesmo — mas também sou outro alguém.

Tem sido sempre assim.

As informações lá estão. Acordo, abro os olhos, compreendo que é nova manhã, novo lugar. A biografia cai como uma ficha, prenda bem-vinda da parte da mente que não é a minha. Hoje sou o Justin. Não sei como sei — o meu nome é Justin — e, em simultâneo, sei que não sou realmente o Justin, só lhe tenho a vida de empréstimo por um dia. Olho em redor e sei que este é o quarto dele. Esta é a casa dele. O despertador toca daqui a sete minutos.

Nunca sou a mesma pessoa duas vezes, mas certamente que já fui desta maneira antes. Roupa por todo o lado. Muito mais jogos de vídeo do que livros. Dorme de cuecas. Pelo sabor na boca, é fumador. Mas não tão viciado que precise de um assim que acorda.

— Bom dia, Justin — digo eu. Para ver como é a voz. Baixa. A voz na minha cabeça é sempre diferente.

O Justin não sabe tratar de si. Tem comichão na cabeça. Os olhos não querem abrir-se. Não dormiu grande coisa.

Já percebi que não vou gostar do dia de hoje.

Custa muito estar no corpo de uma pessoa que não nos agrada, porque mesmo assim temos de o respeitar. Já estraguei a vida a muita gente no passado e sei que, de cada vez que tenho um percalço, fico assombrado por isso. Por conseguinte, tento ter cuidado.

Do que me vou apercebendo, cada pessoa em quem eu habito tem a minha idade. Não salto dos dezasseis para os sessenta. Neste momento, é só dezasseis. Não sei como é que isto funciona. Nem porquê. Já deixei de tentar perceber há muito tempo. Nunca vou perceber, nem uma pessoa normal consegue perceber a própria existência. Passado um tempo, tem de se fazer as pazes com o facto de *ser*, simplesmente. Não há maneira de saber porquê. Pode haver teorias, mas nunca haverá provas.

Sei pesquisar na memória factos, mas não sentimentos. Sei que este é o quarto do Justin, mas não faço ideia se lhe agrada ou não. Terá vontade de matar os pais no quarto ao lado? Ou ficaria perdido sem a mãe a entrar para ver se ele acordou? É impossível saber. É como se parte de mim substituísse a mesma parte da pessoa, onde quer que eu esteja. Embora me agrade pensar com a minha própria cabeça, daria muito jeito ter uma dica de vez em quando sobre o raciocínio da outra pessoa. Todos temos mistérios, especialmente quando vistos de dentro para fora.

Toca o despertador. Pego numa camisa e em calças de ganga, mas algo me dá a entrever que é a mesma camisa que ele usou ontem. Escolho uma camisa diferente. Levo a roupa comigo para a casa de banho, visto-me depois do duche. Os pais dele já estão na cozinha. Não fazem ideia de que haja algo de diferente.

Dezasseis anos é muito tempo para ganhar prática. Regra geral, não faço borrada. Ou já não faço mais.

É fácil perceber os pais dele: o Justin não conversa assim muito de manhã, portanto eu não tenho de conversar com eles. Tenho-me acostumado a detetar a expectativa nos outros, ou a falta dela. Devoro os cereais, deixo a tigela no lava-louça sem a lavar, pego nas chaves do Justin e saio.

Ontem eu era uma rapariga numa localidade que me parece ficar a duas horas de distância. No dia anterior, era um rapaz numa localidade três horas mais longe. Já me vou esquecendo dos pormenores deles. Tem de ser, senão nunca me lembro de quem sou na realidade.

O Justin ouve música parva e aos berros numa frequência parva e aos berros onde os DJ fazem piadas parvas e aos berros para passarem a manhã. Não é preciso saber mais nada sobre o Justin, realmente. Busco na memória dele para saber o caminho da escola, qual o lugar de estacionamento a ocupar, qual o cacifo aonde rumar. O código. Os nomes das pessoas que ele conhece nos corredores.

Por vezes, não consigo passar por estas etapas. Não me consigo obrigar a ir às aulas, a passar o dia nestas manobras. Dou-me por doente, fico na cama e leio uns livros. Porém, até isso resulta cansativo ao fim de um tempo, e dou comigo pronto para o desafio da escola nova, dos amigos novos. Por um dia.

Conforme tiro os livros do Justin do cacifo, sinto alguém ali por perto. Viro-me, e a rapariga que lá está é transparente nas suas emoções — hesitante e expectante, nervosa e adoradora. Não é preciso procurar na memória do Justin para saber que é a namorada. Mais ninguém teria esta reação, tão titubeante na sua presença. Ela é bonita, mas não pensa que é. Esconde-se atrás do cabelo, contente por me ver e descontente por me ver, em simultâneo.

Chama-se Rhiannon e, por um momento — um momento ínfimo —, sinto que, sim, este é o nome certo para ela. Não sei porquê. Não a conheço. Mas parece-me acertado.

Não é ideia do Justin. É ideia minha. Tento não ligar. Não é comigo que ela quer falar.

— Então — digo eu, em tom casual.

— Então — murmura ela.

Está a olhar para o chão, para os ténis pintados. Desenhou cidades, horizontes urbanos à volta das solas. Aconteceu algo entre ela e o Justin, e eu não sei o que foi. Provavelmente, nem deve ser nada que o Justin percebesse na altura.

— Estás bem? — pergunto.

Vejo a surpresa na cara dela, mesmo que a tente disfarçar. Não é coisa que o Justin pergunte normalmente.

Eis o mais estranho disto: eu quero saber a resposta. O facto de ele não ligar ainda me dá mais vontade.

— Na boa — responde ela, não parecendo nada na boa.

Custa-me olhar para ela. Por experiência própria sei que, subjacente a cada rapariga periférica, há uma verdade central. Ela esconde a sua mas, em simultâneo, quer que eu a veja. Ou seja, quer que o *Justin* a veja. E lá está, mas não consigo alcançá-la. Um som que espera para ser palavra.

Está tão perdida na sua tristeza que não faz ideia do quanto ela é visível. Sinto que a compreendo — por momentos, penso que a compreendo —, mas nisto, no meio da tristeza, ela surpreende-me com um breve lampejo de determinação. Bravura, até.

A desviar o olhar do chão, os olhos a fitarem os meus, ela pergunta:

— Estás zangado comigo?

Não me ocorre razão nenhuma para estar zangado com ela. Quando muito, estou eu zangado com o Justin, por fazê-la sentir-se tão pequenina. É o que me mostra a linguagem corporal dela. Quando está ao pé dele, faz-se pequenina.

— Não — respondo. — Não estou nada zangado contigo.

Digo-lhe o que ela quer ouvir, mas não a convenço. Dou-lhe as palavras certas, mas desconfio que estão crivadas de farpas.

O problema não é meu; sei bem disso. Estou aqui por um dia. Eu não posso resolver os problemas do namorado de ninguém. Não é suposto mudar a vida de ninguém.

Viro-lhe costas, tiro os livros, fecho o cacifo. Ela fica no mesmo sítio, ancorada pela solidão profunda e desesperada de uma relação má.

— Ainda queres almoçar hoje? — pergunta ela.

A coisa mais fácil seria recusar. Faço isso muitas vezes: sinto a vida da outra pessoa a atrair-me, e fujo na direção contrária.

Mas há algo nela — as cidades nos ténis, o lampejo de bravura, a tristeza desnecessária — que me dá vontade de saber qual será a palavra quando deixar de ser um som. Há muitos anos que conheço gente sem nunca conhecer e, nesta manhã, neste lugar, com esta rapariga, sinto o mais leve puxão de querer saber. Num momento de fraqueza, ou bravura, da minha parte, decido deixar-me puxar. Decido descobrir mais.

— Completamente — respondo. — Almoçar seria ótimo.

Mais uma vez, interpreto-a: acabei de ser entusiástico. O Justin nunca é entusiástico.

— Não tem nada de mais — acrescento.

Ela fica aliviada. Pelo menos, permite-se sentir-se aliviada, numa forma de alívio muito reservada. Busco na memória e fico a saber que ela e o Justin namoram há um ano. Não há nada mais específico do que isto. O Justin não se recorda da data ao certo.

Ela pega-me na mão. Fico admirado com a sensação boa que me dá.

— Ainda bem que não estás zangado comigo — diz ela. — Só quero que fique tudo OK.

Faço que sim com a cabeça. Se alguma coisa tenho aprendido, será isto: todos queremos que esteja OK. Nem sequer desejamos fantástico ou maravilhoso ou espetacular. Ficamo-nos pelo OK porque, a maior parte do tempo, OK é suficiente.

Dá o primeiro toque.

— Até logo — digo eu.

Que promessa tão básica mas, para a Rhiannon, significa muitíssimo.

Ao princípio, custava-me muito passar cada dia sem fazer contactos duradouros, sem deixar efeitos transformadores de uma vida. Quando era mais novo, ansiava por amizade e proximidade. Criava vínculos sem reconhecer a rapidez e a permanência com que acabariam. Levava as vidas dos outros a sério. Sentia que os amigos deles podiam ser meus amigos, que os pais deles podiam ser meus pais. Todavia, passado um tempo, tive de me deixar disso. Era um desgosto infundável viver com tantas separações.

Ando à deriva e, por mais solitário que seja, também pode ser extraordinariamente libertador. Nunca me hei de definir pelos termos de outra pessoa. Nunca sentirei a pressão dos meus pares, nem o fardo das expectativas parentais. Posso ver toda a gente como partes de um todo, e concentrar-me no todo e não nas partes. Tenho aprendido a observar muito melhor do que a maioria das pessoas observa. Não me deixo cegar pelo passado nem motivar pelo futuro. Concentro-me no presente, porque é onde estou destinado a viver.

Aprendo. Por vezes, ensinam-me qualquer coisa que já me ensinaram em dezenas doutras salas de aula. Por vezes, ensinam-me algo completamente novo. Tenho de procurar no corpo, na mente, e ver que informações retiveram. Quando o faço, aprendo. O conhecimento é a única coisa que levo comigo quando saio.

Sei tantas coisas que o Justin não sabe, que nunca saberá. Sento-me na aula de Matemática dele, abro o caderno, escrevo frases que ele nunca ouviu. Shakespeare e Kerouac e Dickinson. Amanhã, ou qualquer dia depois de amanhã, ou nunca, ele vai ver estas palavras na sua própria letra e não vai fazer ideia alguma donde vieram, nem sequer do que são.

É o máximo de interferência a que me permito.

Tudo o resto tem de ser jogo limpo.

A Rhiannon permanece comigo. Os pormenores. Lampejos das recordações do Justin. Coisas pequenas, a maneira como o cabelo dela cai, a maneira como rói as unhas, a determinação

e a resignação na sua voz. Coisas ao acaso. Vejo-a a dançar com o avô do Justin, porque ele disse querer uma dança com uma rapariga bonita. Vejo-a a tapar os olhos num filme de terror, a espreitar entre os dedos, a apreciar o próprio susto. Estas são as boas recordações. Não olho para mais nenhuma.

Só a vejo uma vez de manhã, uma passagem breve nos corredores entre a primeira e a segunda hora. Dou comigo a sorrir quando ela se aproxima, e ela sorri também. É tão simples quanto isso. Simples e complicado, como a maioria das coisas verdadeiras é. Dou comigo à procura dela depois da segunda hora de aulas, e novamente depois da terceira e da quarta. Nem sequer sinto que posso controlar isso. Quero vê-la. Simples. Complicado.

Quando chega a hora de almoço, estou exausto. O corpo do Justin está esgotado de dormir pouco e eu, dentro dele, estou esgotado pela inquietude e por demasiados pensamentos.

Espero por ela no cacifo do Justin. Dá o primeiro toque. Dá o segundo toque. Nada da Rhiannon. Se calhar, devia ir ter com ela a outro sítio. Se calhar o Justin esqueceu-se de onde eles se encontram sempre.

Se assim for, ela está habituada aos esquecimentos do Justin. Ela encontra-me quando já estou para desistir. Os corredores estão quase vazios, já passou a chamada do rebanho. Ela aproxima-se mais do que antes.

— Então — digo eu.

— Então — diz ela.

Está à minha espera. O Justin é quem dá o primeiro passo. O Justin é quem arranja as coisas. O Justin é quem diz o que eles vão fazer.

É deprimente.

Já vi isto vezes de mais. A devoção imerecida. Aguentar o medo de estar com a pessoa errada porque não se consegue lidar com o medo de estar sozinho. A esperança tocada pela dúvida, e a dúvida tocada pela esperança. De cada vez que vejo estes sentimentos no rosto de alguém, sinto-me pesado. E há algo no rosto da Rhiannon que é mais do que simples desapontamento.

Há uma suavidade. Uma suavidade que o Justin nunca saberá apreciar. Eu vejo-a logo, mas mais ninguém vê.

Pego nos livros todos e deixo-os no cacifo. Vou ter com ela e ponho-lhe a mão no braço, levemente.

Não faço ideia do que estou a fazer. Só sei que o estou a fazer.

— Vamos a algum lado — digo eu. — Aonde queres ir?

Estou perto o bastante agora para ver que ela tem olhos azuis. Estou perto o bastante agora para ver que nunca ninguém fica perto o bastante para ver como são azuis os olhos dela.

— Não sei — responde ela.

Pego-lhe na mão.

— Vamos embora — digo-lhe.

Isto já não é inquietude — é imprudência. Ao princípio, caminhamos de mão dada. Depois corremos de mão dada. A euforia de nos acompanharmos um ao outro, de zarpar pela escola, de reduzir tudo o que não seja nós a um borrão inconsequente. Estamos a rir-nos, estamos brincalhões. Deixamos os livros dela no seu cacifo e saímos do edifício, para o ar, o ar verdadeiro, a luz do sol e as árvores e o mundo menos opressivo. Estou a infringir as normas ao sair da escola. Estou a infringir as normas quando entramos no carro do Justin. Estou a infringir as normas quando dou à chave na ignição.

— Aonde queres ir? — pergunto outra vez. — Diz-me, a sério, aonde te apetece ir.

Não me apercebo, inicialmente, do quanto depende da resposta dela. Se ela disser «Vamos ao centro comercial», eu vou desligar. Se ela disser «Leva-me para tua casa», eu vou desligar. Se ela disser «Na verdade, não quero faltar à aula», eu vou desligar. E deveria desligar. Não deveria estar a fazer isto.

Mas ela diz:

— Quero ir ver o mar. Quero que me leves a ver o mar.

E sinto-me a ligar.

Demoramos uma hora a lá chegar. Estamos em finais de setembro no Maryland. As folhas ainda não começaram a mudar,

mas vê-se que já estão a pensar nisso. Os verdes são baços, desbotados. A cor está mesmo ao virar da esquina.

Dou à Rhiannon o comando do rádio. Ela fica admirada, mas quero lá saber. Já estou farto de música parva e aos berros e sinto que ela também já está farta disso. Ela traz melodia para dentro do carro. Surge uma canção que eu conheço, e desato a cantar.

And if I only could, I'd make a deal with God...

Agora a Rhiannon passa de admirada a desconfiada. O Justin nunca desata a cantar.

— O que é que te deu? — pergunta ela.

— A música — digo-lhe.

— Ah.

— Não, a sério.

Olha para mim durante muito tempo. Depois sorri.

— Nesse caso — diz ela, a rodar o botão para localizar a próxima canção.

Não tarda, cantamos a plenos pulmões. Uma canção *pop*, insubstancial como um balão, mas que nos eleva da mesma maneira quando a cantamos.

É como se o próprio tempo se descontraísse à nossa volta. Ela deixa de pensar no quanto isto é invulgar. Ela deixa-se fazer parte disto.

Quero dar-lhe um dia bom. Apenas um dia bom. Há tanto tempo que ando à deriva sem qualquer finalidade, e agora esta finalidade efémera foi-me concedida — parece que me foi concedida. Só tenho um dia para dar — porque é que não pode ser um dia bom? Porque é que não pode ser um dia partilhado? Porque é que não posso pegar na música do momento e ver quanto dura? As normas podem apagar-se. Eu posso pegar nisso. Eu posso dar isto.

Quando acaba a canção, ela abre o vidro e deixa a mão ao vento, introduz uma música nova dentro do carro. Eu abro as outras janelas todas e acelero, para o vento dominar, soprar o nosso cabelo a toda a volta, fingir que o carro desapareceu e nós somos a velocidade, nós somos a vertigem. Depois aparece

outra canção boa e eu fecho-nos outra vez, desta vez pego-lhe na mão. Conduzo assim durante quilómetros, e faço-lhe perguntas. Tipo, como estão os pais dela. Como é agora que a irmã se foi embora para a faculdade. Se ela acha que a escola está diferente este ano.

Isso custa-lhe. Cada resposta começa com a frase «Não sei», mas, a maioria das vezes, ela sabe sim, se eu lhe der tempo e espaço para responder. A mãe tem boas intenções; o pai nem por isso. A irmã não tem ligado para casa, mas a Rhiannon compreende. A escola é a escola — ela quer que acabe, mas tem medo que acabe, porque depois terá de descortinar o que vem a seguir.

Ela pergunta-me o que acho, e eu digo-lhe:

— Sinceramente, estou só a tentar viver o dia a dia.

Não basta, mas já é alguma coisa. Vimos as árvores, o céu, os sinais, a estrada. Sentimo-nos um ao outro. O mundo, neste momento, somos só nós. Continuamos a cantarolar. E cantamos com o mesmo abandono, sem nos ralarmos muito que as vozes desafinem ou não saibam a letra. Olhamos um para o outro enquanto cantamos; não são dois solos, é um dueto que não se leva nada a sério. É uma forma de conversa muito própria — fica-se a saber muito das pessoas pelas histórias que contam, mas também se pode conhecê-las pela maneira como acompanham uma canção, se gostam das janelas abertas ou fechadas, se vivem pelo mapa ou pelo mundo, se sentem a atração do oceano.

Ela diz-me por onde conduzir. Fora da autoestrada. As estradas secundárias vazias. Não é verão; não é fim de semana. É segunda-feira ao meio do dia, e ninguém vai à praia além de nós.

— Eu devia estar na aula de Inglês — diz a Rhiannon.

— Eu devia estar na de Biologia — digo eu, procurando no horário do Justin.

Continuamos. Da primeira vez que a vi, parecia que ela se equilibrava sobre arestas e pontas. Agora o terreno é mais nivelado, acolhedor.

Eu sei que isto é perigoso. O Justin não é bom para ela. Reconheço isso. Se procurar as más recordações, vejo lágrimas,

brigas e vestígios de companhia sofrível. Ela nunca lhe falha, e isso agrada-lhe a ele. Os amigos dele gostam dela, e isso também lhe agrada. Mas não é o mesmo que amor. Ela tem estado suspensa da esperança nele tanto tempo que não se apercebe já não haver nada a esperar. Eles não têm silêncios juntos; têm ruído. Quase todo dele e, se eu tentasse, poderia ir fundo nas discussões deles. Poderia detetar os pedaços que ele tem recolhido de todas as vezes que a destruiu. Se eu fosse mesmo o Justin, encontraria algo de errado nela. Agora, já. Dizer-lhe. Gritar-lhe. Rebaixá-la. Pô-la no seu lugar.

Mas não consigo. Não sou o Justin. Mesmo que ela não saiba.

— Vamos só passar um bom bocado — digo.

— Está bem — diz ela. — Agrada-me. Passo tanto tempo a pensar em fugir que é bom fazê-lo mesmo. Por um dia. É bom estar do outro lado da janela. Não faço isto vezes suficientes.

Há tantas coisas dentro dela que eu quero conhecer e, em simultâneo, a cada palavra que falamos, sinto que pode haver algo dentro dela que eu já conheço. Quando eu lá chegar, vamos reconhecer-nos um ao outro. Vamos ter isso.

Estaciono o carro e dirigimo-nos ao mar. Descalçamo-nos e deixamos os sapatos debaixo dos assentos. Quando chegamos à areia, agacho-me para enrolar as bainhas das calças. Enquanto isso, a Rhiannon corre à frente. Quando torno a olhar, ela está a rodopiar pela praia, a dar pontapés na areia, a chamar-me. Tudo, nesse momento, é leveza. Ela está tão contente que não posso evitar parar por um segundo, a ver. A testemunhar. A mandar-me recordar.

— Vamos! — chama ela. — Anda cá!

«Não sou quem tu pensas», apetece-me dizer-lhe. Mas não há como. Claro que não há como.

Temos a praia só para nós, o mar só para nós. Eu tenho-a só para mim. Ela tem-me só para ela.

Há uma parte da infância que é infantil, e outra parte que é sagrada. De súbito, tocamos na parte sagrada — correr para as

ondas, sentir a primeira rajada fria de água nos tornozelos, enfiar as mãos para apanhar conchas antes que nos fujam dos dedos. Voltámos a um mundo que é capaz de luzir, e avançamos a vau. Abrimos bem os braços, como se abraçássemos o vento. Ela salpica-me maliciosamente e eu monto um contra-ataque. As calças, as camisas ficam molhadas, mas não ligamos.

Ela pede-me que a ajude a fazer um castelo na areia e, enquanto ajudo, conta-me que ela e a irmã nunca faziam castelos juntas — era sempre um concurso, com a irmã a lançar-se nas montanhas mais altas possíveis, ao passo que a Rhiannon dava atenção ao pormenor, queria que cada castelo fosse a casa de bonecas que nunca lhe deixavam ter. Vejo ecos desse pormenor agora, quando ela faz torreões florirem das suas mãos em concha. Eu próprio não tenho recordações de castelos na areia, mas deve haver memória sensorial, pois sinto que sei como fazer isto, como moldar isto.

Quando terminamos, voltamos à água para lavar as mãos. Olho para trás e vejo como as nossas pegadas se juntam para formar um só caminho.

— O que foi? — pergunta ela, a ver-me olhar para trás, a ver algo no meu semblante.

Como é que hei de explicar isto? A única maneira que sei é a dizer:

— Obrigado.

Ela olha para mim como se nunca tivesse ouvido tal coisa.

— Porquê? — pergunta.

— Por isto — digo eu. — Por tudo isto.

Esta fuga. Esta água. As ondas. Ela. Parece que saímos do tempo. Embora não haja lugar assim.

Ainda há uma parte dela à espera da reviravolta, do momento em que todo este prazer ricochetear em dor.

— Não faz mal — digo-lhe. — Não faz mal, estar feliz.

As lágrimas assomam-lhe aos olhos. Puxo-a para os meus braços. É a coisa errada a fazer. Mas é a coisa certa a fazer. Tenho de ouvir as minhas próprias palavras. A felicidade faz

parte do meu vocabulário com tal raridade, porque para mim é tão fugaz.

— Estou feliz — diz ela. — A sério, estou.

O Justin estaria a rir-se dela. O Justin estaria a empurrá-la para a areia, para fazer o que bem entendesse. O Justin nem nunca teria vindo aqui.

Estou cansado de não sentir. Estou cansado de não me ligar. Quero estar aqui com ela. Quero ser aquele que concretiza a esperança dela, nem que seja apenas pelo tempo que me dão.

O mar faz a sua música; o vento faz a sua dança. Agarramo-nos. Ao princípio, agarramo-nos um ao outro, mas depois começa a parecer que nos agarramos a algo ainda maior do que isso. Grandioso.

— O que se passa? — pergunta a Rhiannon.

— Chiu — faço eu. — Não perguntes.

Ela beija-me. Não beijo ninguém há anos. Não me permito beijar ninguém há anos. Os lábios dela são macios como pétalas, mas com uma intensidade subjacente. Vou devagar, deixo cada momento derramar-se no seguinte. Sinto-lhe a pele, o hálito. Saboreio a condensação do nosso contacto, demoro-me nesse calor. Ela tem os olhos fechados e eu tenho-os abertos. Quero recordar-me disto como mais do que uma sensação única. Quero recordar-me disto em pleno.

Não fazemos mais do que beijar-nos. Não fazemos menos do que beijar-nos. Por vezes, ela mostra querer avançar, mas eu não preciso disso. Acaricio-lhe os ombros quando ela me acaricia as costas. Beijo-lhe o pescoço. Ela beija-me debaixo da orelha. Das vezes que paramos, sorrimos um para o outro. A vertigem de desconfiar, a vertigem de acreditar. Ela devia estar na aula de Inglês. Eu devia estar em Biologia. Hoje não éramos para vir perto do oceano sequer. Desafiámos o dia que foi desenrolado diante de nós.

Vamos pela praia de mão dada conforme o sol mergulha no céu. Não estou a pensar no passado. Não estou a pensar no futuro. Estou cheio de tal gratidão pelo sol, pela água, pela maneira

como os meus pés se afundam na areia, a maneira como a minha mão sente ao segurar na dela.

— Devíamos fazer isto à segunda-feira — diz ela. — E à terça. E à quarta. E à quinta. E à sexta.

— Iríamos faltar-nos — digo-lhe. — É melhor ter só uma vez.

— Nunca mais? — Não lhe agrada como soa.

— Nunca digas nunca mais.

— Eu nunca diria nunca mais — diz ela.

Agora já há mais umas pessoas na praia, na sua maioria homens e mulheres mais velhos a dar um passeio vespertino. Cumprimentam-nos com acenos de cabeça quando passamos, por vezes dizem uma saudação. Também acenamos, também retribuímos as saudações. Ninguém pergunta porque estamos aqui. Ninguém pergunta nada. Fazemos apenas parte do momento, como tudo o resto.

O sol mergulha. A temperatura também cai. A Rhiannon estremece, e por isso solto-lhe a mão e ponho o braço à roda dela. Ela sugere que vamos ao carro buscar «a manta dos meles» ao porta-bagagens. Lá a encontramos, enterrada debaixo de garrafas de cerveja, cabos de ignição torcidos, outras cenas de gajo. Pergunto-me com que frequência a Rhiannon e o Justin usam a «manta dos meles» para esse fim, mas não tento pesquisar as recordações. Em contrapartida, levo a manta de volta à praia e estendo-a no chão para os dois. Deito-me a ver o céu, e a Rhiannon deita-se a meu lado e faz o mesmo. Olhamos para as nuvens, respirando a distância um do outro, assimilando tudo.

— Este só pode ser um dos melhores dias de sempre — diz a Rhiannon.

Sem virar a cabeça, encontro-lhe a mão com a minha.

— Conta-me doutros dias como este — peço.

— Não sei...

— Só um. O primeiro que te vier à ideia.

A Rhiannon pensa nisso um segundo. Depois abana a cabeça.

— É parvoíce.

— Conta.

Ela vira-se para mim e passa a mão para o meu peito, e começa a descrever círculos vagarosos nele.

— Não sei porquê, a primeira coisa que me vem à ideia é uma passagem de modelos para mãe e filha. Prometes que não te ris? Prometo.

Ela observa-me. Verifica se sou sincero. Continua.

— Eu andava no quarto ano, ou coisa assim. A Renwick's estava a fazer uma angariação para as vítimas dos furacões, e pediram voluntários na nossa turma. Não pedi à minha mãe nem nada, inscrevi-me. Quando cheguei a casa com essas informações... bem, tu sabes como a minha mãe é. Ficou aterrada. Já custa bastante fazê-la ir ao supermercado. Uma passagem de modelos? À frente de estranhos? Era como pedir-lhe que posasse para a *Playboy*. Credo, que ideia pavorosa.

A mão dela está pousada no meu peito. Ela está a olhar para o céu.

— Mas o certo é que ela não se recusou. Acho que só agora é que me estou a aperceber do que a fiz passar. Ela não me obrigou a ir à professora cancelar. Não, quando chegou o dia, fomos à Renwick's e depois seguimos para onde nos mandaram. Eu tinha pensado que nos vestiam roupa a combinar, mas não foi assim. Pelo contrário, disseram-nos que podíamos usar o que nos apetecesse em toda a loja. E assim foi, provámos montes de coisas. Eu fui logo aos vestidos, claro, era muito mais menina na altura. Acabei por ficar com um vestido azul-claro, cheio de folhos. Achei tão sofisticado.

— Deve ter sido muito elegante — digo eu. Ela bate-me.

— Caluda. Deixa-me contar a história.

Seguro-lhe na mão sobre o meu peito. Inclino-me e dou-lhe um beijo rápido.

— Força — digo. Estou a adorar isto. Nunca tenho gente a contar-me histórias. Geralmente, tenho de ser eu a descobri-las. Porque sei que, se me contarem histórias, estão à espera que eu me lembre. E não posso garantir isso. Não há maneira de saber se as histórias permanecem depois de me ir embora. Seria um

desgosto fazer confidências a alguém e depois a confidência desaparecer. Não quero ser responsável por isso.

Porém, com a Rhiannon, não resisto. Ela continua.

— Então lá estava eu com o meu vestido de baile de finalistas. Depois foi a vez da minha mãe. Surpreendeu-me, porque também foi aos vestidos. Nem nunca a tinha visto toda arranjada. E acho que essa foi a coisa mais espantosa para mim: a Cinderela não era eu, era ela.

» Depois de escolhermos a roupa, maquilharam-nos e tudo. Achei que a minha mãe se ia passar, mas até gostou. Não fizeram grande coisa com ela, apenas um pouco de cor. E não foi preciso mais nada. Ela era bonita. Sei que custa a crer, conhecendo-a agora. Mas, naquele dia, ela parecia uma estrela de cinema. As outras mães elogiavam-na. Quando chegou a altura da passarela mesmo, desfilámos e as pessoas aplaudiram. Eu e a minha mãe sorriámos, e foi verdadeiro, sabes?

» Não pudemos ficar com os vestidos nem nada. Mas lembro-me de que, no caminho para casa, a minha mãe repetiu que tinha sido ótimo. Quando chegámos a casa, o meu pai olhou para nós como se fôssemos extraterrestres, mas o mais fixe é que ele decidiu alinhar. Em vez de ficar todo esquisito, chamava-nos as suas supermodelos, e pedia-nos que desfilássemos para ele na sala, e assim fizemos. Rimo-nos à gargalhada. E pronto. Acabou o dia. Não sei bem se a minha mãe usou maquilhagem desde então. E não é que eu tenha vindo a ser supermodelo. Mas esse dia parece-se com este. Porque foi uma pausa de tudo o resto, não foi?

— Assim parece — digo-lhe eu.

— Não posso crer que acabei de te contar isto.

— Porquê?

— Porque não. Sei lá. Parece tão tolo.

— Não, parece um dia bom.

— E tu? — pergunta ela.

— Nunca entrei numa passagem de modelos de mãe e filha — digo, a reinar. No entanto, aliás, já estive em algumas. Ela bate-me levemente no ombro.

— Não. Conta-me doutro dia como este.

Busco na memória do Justin e descubro que ele veio para aquela terra com doze anos. Vale qualquer coisa antes disso, porque a Rhiannon não esteve lá. Eu podia tentar descobrir uma das recordações do Justin para contar, mas não quero fazer isso. Quero dar à Rhiannon algo meu.

— Houve um dia, tinha eu onze anos. — Tento lembrar-me do nome do rapaz em cujo corpo eu estava, mas já me passou. — Estava a brincar às escondidas com os amigos. Quer dizer, escondidas à bruta, de deitar abaixo. Estávamos na mata e, não sei porquê, decidi que tinha de subir a uma árvore. Acho que nunca tinha subido a nenhuma árvore antes. Mas encontrei uma com ramos baixos e comecei. A subir, a subir. Era tão natural como andar. Na recordação, a árvore tinha centenas de metros de altura. Milhares. A dado momento, passei as copas das árvores. Ainda subia, mas já não havia mais árvores à volta. Estava sozinho, agarrado ao tronco da árvore, a grande distância do chão.

Estou a ver lampejos disso agora. A altura. A cidade abaixo de mim.

— Foi mágico — digo. — Não há outra palavra para o descrever. Ouvei os meus amigos a berrarem quando eram apanhados, enquanto decorria o jogo. Mas eu estava numa onda completamente diferente. Estava a ver o mundo de cima, coisa extraordinária quando acontece pela primeira vez. Nunca tinha andado de avião. Nem sei se já teria estado num prédio alto. Lá estava eu, a pairar acima de tudo o que conhecia. Tinha chegado a um sítio especial, e tinha conseguido tudo sozinho. Ninguém mo tinha dado. Ninguém mo mandara fazer. Tinha subido e subido e subido, e aquela era a minha recompensa. Contemplar o mundo, e estar sozinho comigo mesmo. Descobri que era mesmo disso que estava precisado.

A Rhiannon encosta-se a mim.

— Espantoso — sussurra ela.

— Pois foi.

— E foi no Minnesota?

Na verdade, foi na Carolina do Norte, mas busco na memória do Justin e descubro que sim, para ele teria de ser no Minnesota. Faço que sim com a cabeça.

— Queres saber doutro dia como este? — pergunta a Rhianon, a aninhar-se.

Ajeito o braço para ficarmos confortáveis os dois.

— Claro.

— A segunda vez que saímos juntos.

«Mas esta ainda é só a primeira», penso. Estupidamente.

— A sério? — pergunto.

— Lembras-te?

Vou ver se o Justin se lembra da segunda vez que eles saíram. Não se lembra.

— Na festa do Dack? — ajuda ela.

Nada.

— Pois... — experimento.

— Não sei, se calhar não conta para namoro, mas foi a segunda vez que dormimos juntos. Não sei, tu foste tão... amoroso. Não fiques zangado, está bem?

Onde será que isto vai parar?

— Juro que não há nada que me possa fazer zangar neste momento — digo-lhe. Até me benzo para confirmar. Ela sorri.

— Está bem. Pronto, ultimamente... É como se estivesses sempre com pressa. Tipo, fazemos sexo mas não somos propriamente... íntimos. Não me importo. Quer dizer, é divertido. Mas, de vez em quando, é bom que seja assim. Na festa do Dack foi assim. Como se tu tivesses o tempo todo do mundo, e quisesses que o tivéssemos juntos. Adorei. Foi no tempo em que tu olhavas mesmo para mim. Foi tipo... bem, foi como se subisses à árvore e me encontrasses lá em cima. E tivéssemos isso juntos. Mesmo que estivéssemos no quintal doutra pessoa. A dado momento, lembras-te, fizeste-me chegar mais para um lado para ficar ao luar. «Ficas com a pele a brilhar», disseste. E senti-me assim. A brilhar. Porque estavas a olhar para mim, junto com o luar.

Será que ela tem noção de que, neste momento, está alumia-da pelo alaranjado quente que se espalha do horizonte, conforme o dia que já não é dia passa a noite que ainda não é noite? Inclino-me e fundo-me nessa sombra. Dou-lhe um beijo, abandonamo-nos um no outro, fechamos os olhos, deixamo-nos dormir. Quando nos deixamos dormir, sinto algo que nunca antes senti. Uma proximidade que não é meramente física. Uma sintonia que desafia o facto de termos acabado de nos conhecer. Uma sensação que só pode vir do mais eufórico dos sentimentos: pertença.

O que será que tem o momento em que nos apaixonamos? Como é que tão pequena medida de tempo pode conter tal grandiosidade? De súbito, apercebo-me do porquê de as pessoas acreditarem em *déjà vu*, acreditarem que viveram vidas passadas, porque nem por sombras os anos que eu passei nesta terra podem abarcar o que estou a sentir. O momento em que nos apaixonamos parece ter séculos atrás de si, gerações — todos a redistribuirem-se para que este cruzamento preciso e notável possa acontecer. No coração, nos ossos, por maior tolice que saibamos ser, sentimos que tudo nos tem trazido a este momento, todas as setas secretas apontavam para aqui, o universo e o próprio tempo arquitetaram isto há muito, muito tempo, e só agora nos apercebemos, só agora estamos a chegar ao sítio onde sempre estivemos destinados a chegar.

Acordamos uma hora depois com o toque do telemóvel dela.

Continuo de olhos fechados. Ouço-a resmungar. Ouço-a dizer à mãe que vai para casa dentro em breve.

A água fez-se negra retinta e o céu fez-se azul como tinta. O fresco no ar pesa sobre nós quando pegamos na manta, deixamos novo conjunto de pegadas.

Ela faz de navegadora, eu conduzo. Ela conversa, eu escuto. Cantamos mais um pouco. Depois ela encosta-se ao meu ombro e eu deixo-a ficar e dormir mais um pouco, sonhar mais um pouco.

Estou a tentar não pensar no que acontece a seguir.

Estou a tentar não pensar em finais.

Nunca consigo ver gente a dormir. Assim, não. Ela é o oposto do que quando a conheci. A vulnerabilidade está à vista, mas ela sente-se segura nela. Assisto ao subir e descer dela, ao mexer e acalmar dela. Só a acordo quando preciso que me diga por onde ir.

Nos últimos dez minutos, ela fala do que vamos fazer amanhã. Custa-me reagir.

— Mesmo não podendo fazer isto, encontramos-nos para almoçar? — pergunta. Faço que sim com a cabeça.

— E se calhar podemos fazer alguma coisa depois das aulas?

— Acho que sim. Quer dizer, não sei o que mais se vai passar. Não estou com cabeça para isso agora.

Isto faz-lhe sentido.

— É justo. Amanhã será amanhã. Vamos terminar hoje num tom agradável.

Assim que entramos na cidade, consigo saber o caminho para casa dela sem ter de perguntar. Mas quero perder-me mesmo assim. Prolongar isto. Escapar a isto.

— Chegámos — diz a Rhiannon, quando nos aproximamos do acesso à casa dela.

Paro o carro e destranco as portas.

Ela inclina-se para me beijar. Tenho os sentidos ao rubro com o gosto dela, o cheiro dela, o toque dela, o som da respiração, a visão que ela é quando afasta o corpo do meu.

— Este é o tom agradável — diz ela. Antes que eu possa falar, já fechou a porta e desapareceu.

Não tenho hipótese de me despedir.

Calculo, e não me engano, que os pais do Justin estão habituados a que ele não dê notícias nem apareça para jantar. Tentam ralar com ele, mas vê-se bem que é um disco riscado e, quando o Justin foge para o quarto, é apenas a reposição de um programa antigo.

Eu devia estar a fazer os trabalhos de casa do Justin — sou sempre cumpridor nesse tipo de coisa, se for capaz — mas estou sempre a pensar na Rhiannon. Imagino-a em casa. Imagino-a a flutuar com a graciosidade do dia. Imagino-a a crer que as coisas estão diferentes, que o Justin mudou de algum modo.

Eu não devia ter feito isto. Sei que não devia. Mesmo que me parecesse que o universo inteiro mo mandava fazer.

Passo horas ralado com isto. Não posso voltar atrás. Não posso apagar tudo.

Apaixonei-me uma vez ou, pelo menos, até hoje achei que me apaixonei. Ele chamava-se Brennan, e pareceu-me tão verdadeiro, mesmo que pouco tivesse passado de palavras. Palavras intensas, do fundo do coração. Estupidamente, deixei-me pensar num futuro com ele. Mas não havia futuro. Tentei contornar isso, mas não consegui.

Foi fácil, comparado com isto. Uma coisa é uma pessoa apaixonar-se. Outra coisa é sentir que alguém se apaixona por nós, e sentir-se responsável por esse amor.

Não há maneira de eu ficar neste corpo. Mesmo que não adormeça, a mudança acontece. Cheguei a pensar que, se passasse a noite acordado, conseguiria ficar onde estava. Antes pelo contrário, fui arrancado ao corpo onde estava. Ser arrancado foi exatamente como se imagina ser, cada nervo a sofrer a dor da rutura, e depois a dor de ser fundido noutra alguém. Desde então, todas as noites adormeço. Não vale a pena resistir.

Apercebo-me de que tenho de lhe telefonar. O número dela está no telemóvel dele. Não a posso deixar pensar que amanhã vai ser como hoje.

— Então? — atende ela.

— Então — digo eu.

— Mais uma vez obrigada por hoje.

— Pois.

Não quero fazer isto. Não quero estragar isto. Mas tem de ser, não tem?

Continuo.

— Ainda acerca de hoje?

— Vais dizer-me que não podemos faltar às aulas a cada dia?

Nem parece teu.

Não parece meu.

— Pois — digo eu — mas sabes, não quero que penses que cada dia vai ser como hoje. Porque não vai ser, está bem? Não pode ser.

Faz-se silêncio. Ela sabe que algo se passa.

— Eu sei disso — responde ela com cuidado. — Mas se calhar as coisas podem ser melhores mesmo assim. Eu sei que podem ser.

— Eu não sei — digo. — Só queria dizer isto. Eu não sei. Hoje foi bom, mas não é, tipo, tudo.

— Eu sei disso.

— Está bem.

— Está bem.

Suspiro meu.

Há sempre a hipótese de, sei lá como, eu ter deixado algo de mim no Justin. Há sempre hipótese de a vida dele mudar mesmo — de ele mudar mesmo. Mas não tenho como saber. É raro conseguir ver um corpo depois de o deixar. Mesmo assim, geralmente passam-se meses ou anos. Se chegar a reconhecê-lo.

Quero que o Justin seja melhor para ela, mas não posso criar-lhe expetativas.

— Mais nada — digo. Parece-me coisa que o Justin diria.

— Então vemo-nos amanhã.

— Vemos pois.

— Mais uma vez obrigada por hoje. Seja qual for o sarilho em que nos metermos amanhã, valeu a pena.

— Pois.

— Amo-te — diz ela.

E eu quero dizer também. Quero dizer «Também te amo». Neste momento, agora já, todas as fibras do meu ser querem dizer isso. Mas só vai durar mais umas duas horas.

— Dorme bem — digo. Depois desligo.

Está um bloco de notas na escrivaninha dele.

«Lembra-te de que gostas da Rhiannon», escrevo eu na letra dele.

Duvido que ele se lembre de o escrever.

Entro no computador dele. Abro a minha conta de correio eletrónico, depois escrevo o nome dela, o número de telemóvel dela, o endereço eletrónico, assim como o do Justin e a palavra-passe. Escrevo como foi o dia. E mando a mensagem a mim próprio.

Assim que termino, apago o histórico do Justin.

Isto custa-me muito.

Estou tão habituado ao que sou, ao andamento da minha vida.

Nunca quero ficar. Estou sempre pronto a partir.

Mas esta noite, não.

Esta noite estou assombrado pelo facto de amanhã ele estar aqui e eu não.

Quero ficar.

Rezo para ficar.

Fecho os olhos e desejo com todo o meu ser ficar.